



Paródia das palavras de Jesus nas crônicas de Machado de Assis

Elenilto Saldanha Damasceno*

Resumo: Os temas principais deste artigo são as crônicas de Machado de Assis e as relações intertextuais entre Bíblia e literatura. O texto apresenta a caracterização do gênero textual literário crônica como representação elevada do cotidiano. Utiliza, como principal objeto de análise, crônicas produzidas por Machado de Assis. Observa como o escritor, através dessas crônicas, promove diálogo intertextual com a tradição cultural e religiosa através da paródia das palavras de Jesus.

Palavras-chave: Bíblia; literatura; paródia; crônicas; Machado de Assis.

Abstract: The main themes of this article are the chronicles of Machado de Assis and the intertextual relationships between Bible and literature. The text presents the characterization of textual literary genre chronicle how high representation of daily. Uses, as main object for analysis, chronicles produced by Machado de Assis. Notes how the writer, through such chronicles, promotes intertextual dialogue with the cultural and religious tradition through the parody of the words of Jesus.

Keywords: Bible; literature; parody; chronicles; Machado de Assis.

A doutrina produzirá os seus efeitos, a história será deduzida de uma lei, superior ao conselho dos homens. Quando nada houvesse ou nenhuma fosse, a simples crise da Paixão era de sobra para dar uma comoção nova aos que lêem neste dia os evangelistas.

(MACHADO DE ASSIS, 01/04/1904)

1 Tempos da crônica

O vocábulo ‘crônica’ provém do termo latino *chronica*, que designava a “narrativa de factos segundo o decorrer dos tempos” (TORRINHA, 2001, p.142). Na sua origem, esse gênero textual relacionou-se diretamente com a experiência histórica. A crônica desenvolveu-se como narrativa de uma sucessão de acontecimentos em uma dada realidade social referente a um determinado tempo histórico. Um dos principais aspectos da crônica é justamente o vínculo com o cotidiano histórico, ou seja, a experiência histórica é formalizada como documento e gênero textual através da crônica.

A reflexão sobre a origem do termo e do gênero crônica remete a documentos históricos e religiosos muito antigos que fazem parte da tradição ocidental pela influência do legado judaico-cristão. No Antigo Testamento da Bíblia, encontram-se os livros I e II de Crônicas, cuja autoria indeterminada tem sido creditada ao escriba Esdras, por volta de 430

* Mestrando em Literatura Brasileira no PPG-LET UFRGS.

a.C. Esses livros detêm-se principalmente na narração da história religiosa do povo judeu durante os reinados de Davi, Salomão e de uma série de outros reis que antecederam o domínio babilônico.

Machado de Assis, em uma de suas crônicas da série *História de quinze dias*, estabelece essa relação entre a crônica jornalística e literária e a crônica histórica e religiosa:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas.

(MACHADO DE ASSIS, 01/11/1877)

O gênero textual crônica transita por três esferas de representação de mundo e de construção de conhecimentos: História, Jornalismo e Literatura. No Brasil, a partir do século XIX, a prosa cronística atingiu tal disseminação e assumiu características tão específicas que, posteriormente, passou a ser estudada a partir da hipótese de início da constituição de um gênero literário brasileiro.

A obra de Machado de Assis, principal escritor e cronista daquela época, abrangeu todo o período de constituição e de aclimação da crônica no Brasil. Machado estabeleceu a transição entre a crônica histórica e documental, particularmente vinculada à historicidade, e a crônica moderna, voltada mais para fatos e costumes triviais e cotidianos. A crônica desvinculava-se estritamente do tempo histórico em curso e passava a propiciar permanência a fatos passageiros. A partir de então, como registro da memória dos fatos cotidianos, o gênero crônica afastou-se gradativamente da memória do tempo histórico para mergulhar no cotidiano de sua época. O gênero emancipou-se da historicidade e lançou-se à amplidão da literariedade.

2 Elevação do cotidiano à matéria artística

Em *Estética*, Georg Lukacs (1966) relaciona a arte, a ciência e o cotidiano e esclarece que o pensamento cotidiano, a ciência e a arte refletem a mesma realidade objetiva (p.57). Contudo, a arte e a ciência superam o imediatismo entre pensamento e ação, rompem a essência do ser e pensar cotidianos: a vinculação imediata de teoria e prática (p.44).

As questões que instigam a arte e a ciência surgem a partir do cotidiano, sobressaem e elevam-se em relação a esse cotidiano. Os conhecimentos artísticos e científicos retornam, posteriormente, à cotidianidade, com resultados que a enriquecem.

Así, pues, la pureza del reflejo científico y estético se diferencia [...] de las complicadas formas mixtas de la cotidianidad [...] porque las dos diferenciadas formas de reflejo nacen de las necesidades de la vida cotidiana, tienen que dar respuesta a sus problemas y, al volverse a mezclar muchos resultados de ambas con las formas de manifestación de la vida cotidiana, hacen a ésta más amplia, más diferenciada, más rica, más profunda, etc., llevándola constantemente a superiores niveles de desarrollo.

(LUKACS, 1966, p.35)

A cotidianidade não perde sua vinculação dinâmica com o conhecimento. Um de seus traços essenciais é justamente tornar-se fonte e desembocadura da produção de conhecimento.

A crônica também parte da fonte do cotidiano imediato para elevá-lo à dimensão da representação literária. A arte pressupõe essa elevação em relação à vida cotidiana e ao senso comum. No percurso da crônica, a matéria cotidiana ultrapassa seus aspectos triviais, através de um processo de elevação estética equilibrada entre forma e conteúdo e da conjunção entre a argumentação subjetiva e conceitual, a narração referencial ao cotidiano e a ficcionalização.

Nas crônicas de Machado de Assis, a dimensão cotidiana é abordada e elevada a partir de sua inteligência e de seu aprimorado estilo literário. O autor parte de temas prosaicos e cotidianos para desvendar ou retirar o véu que encobre a organização da estrutura social e para propor intervenções e transformações nessa estrutura, a partir de escolhas direcionadas por princípios éticos e morais. De certa forma, Machado assumiu missão e atitude precursoras e civilizadoras. Quanto mais uma atitude se relaciona a sentidos com valores de ética social, mais se eleva em relação ao cotidiano.

Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana. Quanto mais intensa é a motivação do homem pela moral, isto é, pelo humano-genérico, tanto mais facilmente sua particularidade se elevará (através da moral) à esfera da genericidade [...], a fim de que o homem seja capaz de decidir elevando-se acima da cotidianidade.

(HELLER, 1970, p.24)

3 O diálogo com a tradição nas crônicas de Machado

A crônica, no século XIX, tinha função de intervenção na realidade social. Caracterizava-se como espaço de discussão e reflexão sobre o cotidiano, com potencial de intervenção política e de transformação da realidade social.

Além dessa intenção, Machado de Assis também se aliou à proposição de constituição, reconhecimento e inserção de uma literatura nacional no legado cultural da humanidade. Questionou a concepção ideológica romântica que impunha os requisitos de que uma literatura nacional deveria romper com a tradição literária oriunda de outros países e de que a formação de uma literatura brasileira estava necessariamente associada à nacionalidade dos

autores e a produções literárias com temas vinculados exclusivamente à realidade do Brasil. Machado declarou errônea a opinião “que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local” (1992, p.803).

Segundo o autor de *Instinto de nacionalidade*, a literatura brasileira estava em formação, pois também a configuração de um público leitor e de um sistema literário estava em formação. Para Machado de Assis, literatura era um processo de produção de obras e de formação de leitores. Seu propósito era dialogar e inserir a literatura brasileira na tradição, num país em que recém se iniciava a formação de um sistema literário.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

(MACHADO DE ASSIS, 1992, p.804)

Esse também foi o percurso trilhado em sua atividade cronística. A partir da reflexão sobre a matéria social cotidiana, utilizou o recurso de diálogo com a tradição cultural para reforçar o argumento de autoridade de seu papel de cronista. Conforme Lúcia Granja e Jefferson Cano (2008), um “recurso por meio do qual o cronista pretende afirmar-se em uma posição de destaque é a citação da tradição cultural” (p.38) e “A referência à tradição cultural demonstra a autoridade dos conhecimentos do narrador-cronista; sua luta [...] e sua agudeza como comentarista são elevadas a uma altura maior que a tradição cultural e religiosa” (p.39).

Uma das principais fontes da tradição universal cultural e religiosa explorada por Machado de Assis na produção de sua prosa narrativa é a Bíblia, que não é essencialmente uma obra literária, mas é inquestionavelmente relevante para a literatura secular. Northrop Frye (2004) defende a ideia de que “nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária” (p.14). Conforme Gledson (2006, p.164), “Machado tinha, é claro, um conhecimento profundo da Bíblia” e a leu com o olhar atento a esses elementos literários. Isso é evidenciado pela forma como a intertextualidade com o texto bíblico faz-se elemento recorrente na produção de suas crônicas, contos e romances.

Conforme a análise de viés bakhtiniano apresentada por Sonia Brayner (1982), essa intertextualidade dá-se principalmente através de paródias.

A paródia passa a ser uma forma preferida, vestida em um “capote axiomático” com que explora a crônica convencional. Estilizando com ironia ou parodiando abertamente, Machado assume de maneira oposta o estilo épico, epistolar, forense, burocrático, teórico e tantos outros. E esta preferência estará sempre presente em seus contos e romances.

(BRAYNER, 1982, p.432)

Brayner ressalta essa questão formal, a preferência pela paródia no estabelecimento da intertextualidade na apropriação da tradição cultural na prosa machadiana, e também se refere a fontes e motivações temáticas restritas que exemplificam o exercício da intertextualidade nas crônicas, contos e romances do escritor.

Em seus contos, Machado já se serve gradativamente da palavra do narrador para fazer presente suas próprias intenções paródicas. E isto se deve aos recursos mais diversos, a partir, muitas vezes, de uma motivação temática – paródias de textos históricos, da *Bíblia*, de gêneros literários, de textos pretensamente científicos e outros. É no conto que o autor desenvolve seu imenso arsenal de ironias e paródias, adestrando-se simultaneamente para a liça complexa do romance.

(BRAYNER, 1982, p.435).

4 Paródia e a apropriação do discurso de outro

Este artigo propõe o estudo da intertextualidade entre as crônicas de Machado de Assis e as palavras de Jesus apresentadas nos evangelhos. Tais apropriações paródicas são recorrentes, esparsas e episódicas em toda a produção cronística do autor. Foram rastreados e selecionados excertos de crônicas de variadas épocas e publicações, a partir de acervo disponível em meio eletrônico e, assim, as referências apresentadas contemplam apenas a data em que os textos de Machado de Assis foram originalmente publicados.

Torna-se necessário explicitar o conceito de paródia que será considerado, a partir do pensamento de Mikhail Bakhtin, que a apresenta como uma forma de integração da fala do narrador para estabelecer o plurilinguismo ou a apresentação de variadas vozes sociais e linguísticas e de variadas consciências discursivas no texto.

É diferente o que ocorre com a paródia. Nesta, como na estilização, o autor fala a linguagem do outro, porém, diferentemente da estilização, reveste essa linguagem de orientação diametralmente oposta à orientação do outro. A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes. Por isto é impossível a fusão de vozes na paródia, como o é possível na estilização [...]; aqui as vozes não são apenas isoladas, separadas pela distância, mas estão em oposição hostil.

(BAKHTIN, 1981, p.168).

A paródia, como procedimento de representação de imagens de linguagens no texto, caracteriza-se como recriação geralmente rebaixadora ou limitadora do discurso de outro, normalmente com ironia e intencionalidade satírica.

Ao discurso parodístico é análogo o emprego irônico e todo emprego ambíguo do discurso do outro, pois também nestes casos este discurso é empregado para transmitir intenções que lhe são hostis. No discurso prático da vida é extremamente difundido esse emprego do discurso do outro, sobretudo no diálogo em que um interlocutor muito amiúde repete literalmente a

afirmação de outro interlocutor, revestindo-a de novo acento e acentuando-a a seu modo com expressões de dúvida, indignação, ironia, zombaria, deboche, etc.

(BAKHTIN, 1981, p.168-169)

A paródia contrapõe-se ao que imita. Normalmente nega ou se opõe àquilo que imita. Através do procedimento parodístico, o narrador emprega as palavras de outro para expressar suas próprias ideias. Machado de Assis, na crônica *Uma outra 'Canção do exílio'*, publicada na série *Balas de estalo*, assume a importância do recurso parodístico na sua produção literária, ao afirmar que, “imitando mesmo, pode-se reconhecer a originalidade de um homem” (05/09/1884).

O cronista manifestou agudas críticas anticlericais. Contudo, mais do que explicitar uma particular posição anti-religiosa, suas paródias do texto bíblico conformam-se ao pensamento intelectual emergente do homem de seu tempo e, de certa forma, “A ironia do escritor é a mística negativa dos tempos sem deus” (LUKACS, 2000, p.92).

5 Paródia das palavras de Jesus nas crônicas de Machado de Assis

Registra-se, a partir desse ponto, uma sucessão de excertos de crônicas de Machado de Assis que remetem à intertextualidade com textos que apresentam a palavra de Jesus nos evangelhos do Novo Testamento cristão, seguidas de breves comentários sobre imagens de linguagens possibilitadas através do procedimento paródico.

Aqueles discípulos do filho de Deus, por promessa dele tornados pescadores de homens, deviam dar lugar a imitações severas e dignas; mas não é assim, Ex.^{mo} Sr., não há aqui sacerdócio, há ofício rendoso, como tal considerado pelos que o exercem, e os que o exercem são o vício e a ignorância, feitas as pouquíssimas e honrosas exceções.

(MACHADO DE ASSIS, 18/04/1862)

O excerto acima, retirado da crônica *Carta ao sr. bispo do Rio de Janeiro*, publicada originalmente no *Jornal do Povo*, estabelece intertextualidade com trechos dos evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas: “E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mateus 4.19), “Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Marcos 1.17) e “Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens” (Lucas 5.11). O cronista tece severa crítica anticlerical, ao denunciar que os sacerdotes católicos, discípulos do filho de Deus, tornaram-se pescadores de ofício rendoso, vício e ignorância.

Não serei exagerado se disser que o altar tornou-se balcão e o evangelho tabuleta. Em que pese a esses duplamente pecadores, é preciso que V. Exa. ouça estas verdades.

As queixas são constantes e clamorosas contra o clero; eu não faço mais que reuni-las e enunciar-las por escrito.

Fundam-se elas em fatos que, pela vulgaridade, não merecem menção. Merca-se no templo, Exmo. Sr., como se mercava outrora quando Cristo expeliu os profanadores dos sagrados lares; mas a certeza de que um novo Cristo não virá expeli-los, e a própria tibieza da fé nesses corações, anima-os e põe-lhes na alma a tranqüilidade e o pouco caso pelo futuro.

(MACHADO DE ASSIS, 18/04/1862)

Nesse trecho, a crítica religiosa é reforçada pela denúncia da mercantilização da fé, através da intertextualidade com trechos dos evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas: “E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores” (Mateus 21.13), “também os ensinava e dizia: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores” (Marcos 11.17) e “dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa será casa de oração. Mas vós a transformastes em covil de salteadores” (Lucas 19.46). Nesse caso, a apropriação não estabelece a oposição de vozes, mas a transposição de um mesmo discurso para contextos religiosos similares, embora bastante distanciados no tempo.

Ó divino Cristo, que pensarás tu ao ouvir esta resposta? Dizias uma necessidade quando afirmavas que contra a tua Igreja não prevaleceriam as portas do inferno. Estavas em erro, meu divino Cristo. A força da tua Igreja não vem da tua doutrina; vem de alguns quilômetros de território. O catolicismo em Roma vale tudo; se o pusessem em Jerusalém, não valia nada. *Verité em deçà, erreur au delà.*

Victor Manuel deixou ainda uma parte da cidade ao Santo Padre; é por isso que existe a Igreja. Se ele amanhã o expulsasse de lá, acabava-se o catolicismo. Victor Manuel dava cabo da obra de Jesus; podia mais que o inferno.

(MACHADO DE ASSIS, 22/10/1871)

O excerto acima, retirado de uma crônica da série *Badaladas*, estabelece intertextualidade com um trecho do evangelho segundo Mateus: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16.18). O cronista comenta sobre o discurso proferido, na assembléia provincial, pelo deputado e padre Alves dos Santos. O clérigo solicita uma moção de repúdio ao rei Victor Manuel, monarca que avançava na unificação da Itália com a conquista de Roma e que, a seu ver, ameaçava a sobrevivência do catolicismo. O cronista critica a argumentação que defende a manutenção do poder secular da Igreja Católica, como se a força do cristianismo não dependesse de sua doutrina, mas sim desse poder temporal. A partir do argumento do deputado e sacerdote, o cronista ironiza que Cristo estava em erro ou enganado.

Estou convencido de que o Papa não aceita o condicional. Reclama naturalmente contra os invasores dos seus Estados; mas perdoar-lhes, quem poderá duvidar disso? [...]

Nós dizemos: perdoa-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores. Peta! Ninguém perdoa aos seus devedores. O meu alfaiate não me perdoa um fio de pano; o sapateiro não me perdoa um tacão de bota. Ninguém perdoa nada.

Será das dívidas morais, as ofensas? Isso é dívida que não prescreve. Um credor ainda perdoa... quando o devedor lhe não paga ou morre sem herança. Mas o sujeito a quem chamei tolo, a moça que me ouviu dizer que era vaidosa, esses rezam o seu padre-nosso, mas não me cumprimentam.

Nós temos todos assim uma humildade de liturgia, uma singeleza de vocábulo. É por isso que eu entro em dúvida se ainda há cristãos neste mundo. Penso que, se os há, estão escondidos, ou pelo menos andam incógnitos.

(MACHADO DE ASSIS, 01/06/1873)

O texto acima, retirado de outra crônica da série *Badaladas*, estabelece intertextualidade com um trecho do evangelho segundo Mateus: “e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mateus 6.12). O cronista ironiza ao afirmar que o perdão que o papa oferece aos invasores dos territórios anteriormente dominados pela Igreja Católica (e “quem poderá duvidar disso”), conforme a oração ensinada por Jesus, não é seguido pelos fiéis. Revela, assim, que seus leitores, que se dizem cristãos, sabem e praticam pouco da fé que professam e vivem em “uma humildade de liturgia, uma singeleza de vocábulo”, eufemismo para denunciar que vivem uma religiosidade hipócrita.

Mas a dosimetria é contrária a esses tristes recursos. Parece mesmo que esta nova religião ainda não passou do vers. 18, cap. IV, de São Mateus, que é o lugar em que Jesus chama os primeiros apóstolos, Pedro e André: "Vinde após mim, e farei que sejais pescadores de homens". Não há ainda tempo de ter hereges nem cismáticos: está nas primeiras pescas de doentes.

(MACHADO DE ASSIS, 02/07/1883)

O excerto acima, retirado de uma crônica da série *Balas de estalo*, estabelece novamente intertextualidade com os trechos já anteriormente citados de Mateus 4.19, Marcos 1.17 e Lucas 5.11. O próprio cronista, no entanto, especifica precisamente a passagem bíblica a que se refere: “Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mateus 4.18,19). Agora, a crítica e o ceticismo direcionam-se aos pressupostos da moderna medicina dosimétrica, que apregoa aos seus seguidores uma espécie de “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de doentes”.

A quermesse pode ter os pés sujos. Não me cabe verificar se os vai lavar; cabe-me, sim, dar o dinheiro (e, quanto mais, melhor), para cumprir o preceito de Jesus: “Não queirais entesourar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consome; mas entesourai para vós tesouros no céu, onde não os consome a ferrugem nem a traça”.

(MACHADO DE ASSIS, 30/04/1892)

Já esse outro texto, retirado de uma crônica da série *A semana*, estabelece intertextualidade com trechos dos evangelhos segundo Mateus e Lucas: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde

ladrões não escavam, nem roubam” (Mateus 6.19,20) e “Vendei os vossos bens e daí esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome” (Lucas 12.33). Através dele, o cronista critica a caridade hipócrita, motivada pela vanglória que alimenta o vício da mendicância.

Vês este tapume? Digo-vos que não ficará tábuas sobre tábuas. E assim se cumpriu esta palavra do Dr. Barata Ribeiro, que imitou a Jesus Cristo, em relação ao templo de Jerusalém. Olhai, porém, a diferença e a vulgaridade do nosso século. A palavra de Jesus era profética: os tempos tinham de cumpri-la. A do presidente da intendência, que era um simples despacho, não precisou mais que de alguns trabalhadores de boa vontade, um advogado e vinte e quatro horas de espera. Ao cabo do prazo, reapareceu o nosso chafariz da Carioca, o velho monumento que tem o mesmo nome que nós outros, filhos da cidade, o nosso xará, com as suas bicas sujas e quebradas, é certo, mas eu confio que o Dr. Barata Ribeiro, assim como destruiu o tapume, assim reformará o *bicume*. E poderá ser preso, açoitado, crucificado; ressurgirá no terceiro minuto, e ficará à direita de Gomes Freire de Andrade.

(MACHADO DE ASSIS, 01/05/1892)

O excerto acima, retirado de outra crônica da série *A semana*, estabelece intertextualidade com trechos do evangelho segundo Mateus, Marcos e Lucas: “Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada” (Mateus 24.2), “Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada” (Marcos 13.2) e “então, disse Jesus: Vedes estas cousas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada” (Lucas 21.6). O templo de Jerusalém é rebaixado, na “vulgaridade do nosso século”, pela analogia a um tapume de tábuas que encobria o velho monumento do chafariz da Carioca. As palavras de Jesus são parodiadas como discurso do presidente da intendência, o Dr. Barata Ribeiro. Machado ridiculariza o despacho do intendente para derrubar um tapume e ironiza que, por imitar Cristo, embora também possa ser preso, açoitado e crucificado eleitoralmente (nas eleições que se realizariam dali a três meses), ressurgirá e se assentará à direita de Gomes Freire de Andrade, então governador da província do Rio de Janeiro e que, em analogia, ocupa o trono de Deus Pai, através de artimanhas de acomodação e apadrinhamento político-partidário.

O positivismo, por órgão de um de seus mais ilustres e austeros corifeus, veio à imprensa defender o direito de propagar as idéias anarquistas, uma vez que não cheguem à execução. Acrescenta que só a religião da humanidade pode resolver o problema social, e conclui que *os maus constituem uma pequena minoria...*

Uma pequena minoria! Estás bem certo disso, positivismo ilustre? Uma pequena minoria de maus — e tudo o mais puro, santo e benéfico... Talvez não seja tanto, amigo meu, mas não brigaremos por isso. Para ti, que prometes o reino da Humanidade na terra, deve ser assim mesmo. Jesus, que prometia o reino de Deus nos céus, achava que muitos seriam os chamados e poucos os escolhidos. Tudo depende da região e da coroa. Em um ponto estão de acordo a igreja positivista e a igreja católica. “Estas (assustadoras utopias) só podem ser suplantadas pelas teorias científicas sobre o mundo, a sociedade e o homem, que acabarão por fazer com que a razão reconheça a sua impotência, e a necessidade de subordinar-se à fé...” Que fé? Eis a

conclusão do trecho de Teixeira Mendes: “não mais em Deus; mas na Humanidade”. Eis aí a diferença.

(MACHADO DE ASSIS, 04/12/1892)

Nesse texto, retirado de outra crônica da série *A semana*, é estabelecida intertextualidade com trechos do evangelho segundo Mateus: “Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos [porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos]” (Mateus 20.16) e “Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos (Mateus 22.14). A crítica agora recai sobre a doutrina positivista que predominava como princípio filosófico da República recente e como nova e única religião da humanidade que seria capaz de resolver os problemas sociais. Diferentemente da pregação de Jesus Cristo, o otimismo positivista afirmava uma minoria de maus, não uma minoria de bons e escolhidos. O cronista revela que a oposição à palavra de Cristo corresponde à proposição da substituição da fé em Deus pela fé em uma humanidade aperfeiçoada pelo positivismo.

Tal era o meu secreto impulso, quando o Instituto dos Advogados teve a idéia de escrever e votar que a justiça não é exercida, porque dorme ou conversa, não sabe o que diz, tudo de mistura com uma história de leiloeiros, síndicos e outras coisas que não entendi bem. Como nos grandes dias do romantismo, senti um abismo aberto a meus pés. A fé, que abala montanhas, chegou a ficar abalada em si mesma, e estive quase a perder uma das partes do meu credo. Concertei-o depressa; mas não é provável que nestes meses mais próximos litigue nada ou querele de ninguém. Poupo as custas, é verdade, do mesmo modo que poupo o dinheiro, não assinando um lugar no teatro lírico; quem me dará *Lohengrin* e um libelo.

(MACHADO DE ASSIS, 20/05/1894)

Esse comentário, também retirado de uma crônica da série *A semana*, estabelece intertextualidade com um trecho do evangelho segundo Mateus: “E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível” (Mateus 17.20). O cronista ironiza sobre a descrença de fé na justiça, sobre a fé abalada em si mesma. No mesmo texto, ao apresentar ainda a crítica à legalização da briga de galos, Machado transita da crítica à justiça para outro alvo recorrente de sua ironia: o espiritismo.

Se o homem, como queria Platão, é um galo sem penas, compreende-se esta minha linguagem; trato de um semelhante, defendendo a própria espécie. Mas não é preciso tanto. Pode ser também que haja em mim como que um eco do passado. O espiritismo ainda não chegou ao ponto de admitir a encarnação em animais, mas lá há de ir, se quiser tirar todas as conseqüências da doutrina. Assim que, pode ser que eu tenha sido galo em alguma vida anterior, há muitos anos ou séculos. Concentrando-me, agora, sinto um eco remoto, alguma coisa parecida com o canto do galo. Quem sabe se não fui eu que cantei as três vezes que serviram de prazo para que S. Pedro negasse a Jesus? Assim se explicarão muitas simpatias.

(MACHADO DE ASSIS, 20/05/1894)

Esse trecho estabelece intertextualidade com passagens dos quatro evangelhos: “Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me

negarás três vezes” (Mateus 26.34), “Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes” (Marcos 14.30), “Mas Jesus lhe disse: Afirmo-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante” (Lucas 22.34) e “Respondeu Jesus: Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes (João 13.38). A paródia bíblica é apresentada para ironizar a doutrina espírita, que talvez fosse capaz de chegar a apregoar a reencarnação de animais. Dessa forma, o cronista imagina-se como o galo que, em uma vida anterior, cantou e confirmou a profecia de Jesus, segundo a qual Pedro o negaria três vezes.

Só a doutrina espírita pode explicar o que sucedeu a alguém, que não nomeio, esta mesma semana. É homem verdadeiro; encontrei-o ainda espantado. Imaginai que, indo ao gabinete de um cirurgião dentista, achou ali um busto, e que esse busto era o de Cícero. A estranheza do hóspede foi enorme. Tudo se podia esperar em tal lugar, o busto de Cadmo, alguma alegoria que significasse aquele velho texto: *Aqui há ranger de dentes*, ou qualquer outra composição mais ou menos análoga ao ato; mas que ia fazer Cícero naquela galera? Prometi à pessoa, que estudaria o caso e lhe daria daqui a explicação.

(MACHADO DE ASSIS, 20/05/1894)

Ainda no mesmo texto, o cronista tece nova crítica ao espiritismo, ao ponderar sobre a inusitada presença de um busto de Cícero em um consultório odontológico: “provavelmente Cícero fora dentista em alguma vida anterior”. O cronista tenta criar um argumento coerente para justificar a lógica do espiritismo, que considera absolutamente absurda. Na construção desse argumento, estabelece intertextualidade com trechos dos evangelhos segundo Mateus e Lucas, relacionando-os ao ranger de dentes dos temerosos pacientes em um gabinete dentário: “Mandarará o Filho do homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes (Mateus 13.41,42), “Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 13.49,50), “Então, ordenou o rei aos serventes: Amarraí-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 22.13), “e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes (Mateus 24.51), “E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes (Mateus 25.30) e “Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós, lançados fora” (Lucas 13.28).

Tem havido grandes cercos e entradas da polícia em casas de jogo. Sistemáticamente, a autoridade procura dispersar os religionários da Fortuna, e trancar os antros da perdição. Esta frase não é nova, mas o vício também é velho, e não se põe remendo novo em pano velho, diz a Escritura. Já se jogava no tempo da Escritura; lançaram-se dados sobre a túnica de Jesus Cristo.

(MACHADO DE ASSIS, 19/08/1894)

O excerto acima, retirado de outra crônica da série *A semana*, estabelece intertextualidade com trechos dos evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas para criticar o universal e secular apego da humanidade à jogatina: “Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho; porque o remendo tira parte do vestido, e fica maior a rotura” (Mateus 9.16), “Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura (Marcos 2.21) e “Também lhes disse uma parábola: Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha” (Lucas 5.36).

Terras há em que os casos, como os do Catete, são punidos com prisão, indenização e outras penas; mas para que mais penas, além das que a vida traz consigo? Demais, os processos são longos, não contando que a admirável instituição do júri — é a melhor escola evangélica destes arredores: “Quem estiver inocente, que lhe atire a primeira pedra!” exclama ele com o soberbo gesto de Jesus. E o réu, seja de ferimento ou simples estelionato, é restituído ao ofício de roda da criação.

O melhor é não punir nada.

(MACHADO DE ASSIS, 02/12/1894)

O texto acima, retirado de mais uma crônica da série *A semana*, ironiza a absolvição da Companhia Jardim Botânico, uma companhia de bondes, como responsável por um acidente, ocorrido no Catete, que resultou na amputação das duas pernas de um transeunte. O cronista estabelece intertextualidade com um trecho do evangelho segundo João para referendar a decisão da justiça: “Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra” (João 8.7).

A valsa acabou, mas o silêncio durou poucos minutos. Ouvi algumas notas soltas e espaçadas, esperei: era um trecho de Flotow. Conheceis a ópera *Marta*? Era a “Última Rosa de Verão”, — a velha cantiga *The Last Rose of Summer*, — música sem trevas, mas cheia daquela melancolia doce de quem perdeu as flores da vida. Não faria lembrar Jesus; antes imaginei que, se ele ali viesse, podia compor mais uma parábola:

O reino dos céus é semelhante a uma igreja, em cuja torre se tocam as valsas da terra; enquanto a torre chama a dançar, a igreja chama a rezar; bem-aventurados aqueles que, pela oração, esquecerem a valsa, e deixarem murchar sem pena todas as rosas deste mundo...

(MACHADO DE ASSIS, 05/04/1895)

Esse outro texto de Machado, retirado de nova crônica da série *A semana*, refere-se ao procedimento retórico-discursivo de Jesus, a composição e apresentação de parábolas, as histórias com intencionalidade instrucional. As parábolas cristãs correspondem a narrativas fabulares que se caracterizam não só pela proposição de valores morais, pois “as parábolas de Jesus eram *ainoi*, ou seja, fábulas com uma característica de enigma” (FRYE, 2004, p.14), com riqueza metafórica e polissêmica.

Em toda parábola cristã, a imagem metafórica propõe a descoberta de um sentido espiritual que, quase sempre, aponta para a dimensão do reino dos céus ou reino de Deus. É

por esse motivo que muitas delas apresentam a mesma expressão transcrita pelo cronista: “O reino dos céus é semelhante a...”. Machado de Assis relaciona essa expressão, própria da parábola, à outra expressão marcante, presente no denominado sermão do monte proferido por Jesus Cristo e apresentado nos evangelhos de Mateus 5.1-12 e Lucas 6.20-23: “Bem-aventurados...”. Logo, nesse caso, a parodização estende-se também à paródia de gêneros textuais. O recurso da intergenericidade é aplicado através das relações entre os gêneros crônica, parábola e sermão em um mesmo parágrafo textual. É dessa forma que o cronista estabelece relações de intertextualidade com as referências bíblicas, com o intuito de criticar a religiosidade que exclui o desfrute da própria dádiva da vida.

Cumpra notar que tal queixa em tal semana é descabida. Tudo se deve perdoar por estes dias. Cristo, morrendo, perdoou aos próprios algozes, “por não saberem o que faziam”. Não se trata aqui de algozes propriamente ditos, e pode ser também que a empresa não saiba o que está fazendo. Em todo caso, a queixa devia ter sido adiada para amanhã ou depois.

(MACHADO DE ASSIS, 05/04/1995)

A citação acima, retirada da mesma crônica, estabelece intertextualidade com um trecho do evangelho segundo Lucas: “Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes” (Lucas 23.34). O cronista justifica o mau serviço prestado por uma empresa funerária, que se apresentou à família em luto duas horas após o morto haver sido sepultado. A paródia ironiza a crítica pública, que também não sabe o que faz. O cronista exagera no deboche ao afirmar que a culpa não é da empresa funerária, “Não pode ser, a culpa da impontualidade é antes dos que morrem em desproporção com o material da empresa”.

Mas, não sendo primoroso o último ato dos discípulos, não deixa de ser instrutivo. Um, por trinta dinheiros, vendeu o Mestre; os outros, no momento da prisão, desapareceram, ninguém mais os viu. Um só deles, sem se declarar, meteu-se entre a multidão, e penetrou no pretório entre os soldados. Três vezes lhe perguntaram se também não andava com os discípulos de Cristo; respondeu que não, que nem o conhecia, e, à terceira vez, cantando o galo, lembrou-se da profecia de Cristo, e chorou. São Mateus, contando o ato deste discípulo, diz que ele entrara no pretório, com os soldados, “a ver em que parava o caso”. Hoje diríamos, se o Evangelho fosse de hoje, “a ver em que paravam as modas”. Tal é a mudança das línguas e dos tempos!

Este versículo do evangelista não vale o Sermão da Montanha, mas, usando da teoria do moralista a que há pouco aludi, esta é a pontinha da orelha do Evangelho.

(MACHADO DE ASSIS, 14/04/1895)

O excerto acima, retirado também de uma crônica da série *A semana*, estabelece novamente intertextualidade com os trechos já anteriormente citados de Mateus 26.34, Marcos 14.30, Lucas 22.34 e João 13.38. Nesse trecho da crônica, a paródia relaciona-se ao discurso do narrador Mateus. As palavras de Jesus não são diretamente mencionadas. São apenas referenciadas como “a profecia de Cristo” e tornam-se argumento para que o cronista relacione

a passividade de Pedro no julgamento de Jesus com a passividade acrítica dos leitores diante das modas e costumes de sua época.

Parei e disse comigo: Contrastes da vida, que são as obras da imaginação ao pé de vós? Nenhuma daquelas pombas pensa no câmbio, nem na baixa, nem no que há de vestir, nem no que há de comer. Eis ali a verdadeira gente cristã, eis o sermão da montanha, a dois passos dos bancos, às próprias barbas destas casas de cambistas que me enchem de inveja. Talvez na alma de algum destes homens viva ainda a própria alma de um antigo que ouviu discurso de Jesus, e não trocou por este o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Cuida das libras, como eu, que visto e me sustento pelo valor delas, mas eis aqui o que dizem as pombas, repetindo o sermão da montanha: “Não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis... Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros; e contudo, vosso pai celestial as sustenta... E por que andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam... Não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará o seu cuidado; ao de hoje basta a sua própria aflição.” (São Mateus.)

(MACHADO DE ASSIS, 28/06/1896)

O excerto acima, extraído também de uma crônica da série *A semana*, estabelece intertextualidade com trechos dos evangelhos segundo Mateus 6.25-34 e Lucas 12.22-31. O próprio cronista, no entanto, especifica precisamente que se refere à passagem bíblica no evangelho segundo Mateus. O narrador-cronista relata a observação do comportamento de algumas pombas que pousam sobre as imagens de uma águia, de um livro aberto e sobre a cabeça do apóstolo João em uma estátua presente na igreja da Cruz dos Militares. A paródia do texto e das imagens bíblicas estabelece o contraponto com o alvoroço gerado pela queda atípica da taxa de câmbio e pelo aumento abrupto de preços, uma espécie de inusitado caos econômico que remete também às imagens apocalípticas, daí a referência ao apóstolo João, à águia que simboliza seu evangelho e ao livro aberto, que representa o livro da revelação ou livro do Apocalipse.

Realmente, não cuidavam de nada aquelas pombas. Onde é o ninho delas? Perto ou longe, gostam de vir aqui à águia de Patmos. Alguma vez irão ao apóstolo do outro nicho, São Pedro, creio; mas São João é que as namora, neste dia de câmbio baixo, como para fazer contraste com a besta do Apocalipse, a famosa besta de sete cabeças e dez cornos, — número fatídico — talvez a taxa do câmbio de amanhã (7/10).

Na rua tornei a erguer os olhos às pombas. Só vi uma, pousada no livro. Que tens tu? perguntei-lhe cá de baixo, por um modo sugestivo. Se é a besta de sete cabeças, não te importes que venha, contanto que não lhe cortes nenhuma. Já temos a de oito: menos de sete cabeças é nada. Pagarei nove mil-réis pelo remédio, mas antes nove que quatorze, no dia em que a besta ficar descabeçada, porque então o mais barato é o melhor de todos os remédios. E a pomba, pelo mesmo processo sugestivo:

— Que tenho eu com remédios, homem de pouca fé? O ar e o mato são as minhas boticas.

(MACHADO DE ASSIS, 28/06/1896)

Nesse trecho, retirado da mesma crônica, a referência ao Apocalipse é clara. A conturbada questão econômica e a proximidade finissecular remetem às representações apocalípticas. A crônica é encerrada como uma fábula, quando uma das pombas utiliza uma

expressão de Jesus para questionar o próprio cronista e seus leitores, através da intertextualidade com trechos dos evangelhos de Mateus e Lucas: “Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?” (Mateus 6.30), “Perguntou-lhes, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pequena fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança” (Mateus 8.26), “E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?” (Mateus 14.31), “Percebendo-o Jesus, disse: Por que discorreis entre vós, homens de pequena fé, sobre o não terdes pão?” (Mateus 16.8) e “Ora, se Deus veste assim a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais tratando-se de vós, homens de pequena fé!” (Lucas 12.28).

Eis aqui o que diz o evangelista S. Marcos, X, 13, 14: “Então lhe apresentavam uns meninos para que os tocasse; mas os discípulos ameaçavam aos que lho apresentavam. O que vendo Jesus, levou-o muito a mal, e disse-lhes: “Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus.” Farei como Jesus, em relação aos casos miúdos da semana, que os grandes querem abafar e pôr de lado. Nesta semana fez-se história e larga historia, uma pública, outra particular ou secreta, que não sei se são sinônimos, nem estou para ir agora aos dicionários; mas fez-se muita história, e ainda se fará história, ofício que não é meu.

Mas não me cabendo contar os grandes fatos, deixai vir a mim os pequeninos, como pedia Jesus.

(MACHADO DE ASSIS, 30/08/1896)

O excerto anterior, retirado de uma crônica da série *A semana*, estabelece intertextualidade com trechos dos evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas: “Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus” (Mateus 19.13,14), “Então, lhe trouxeram algumas crianças para que as tocasse, mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus (Marcos 10.13,14) e “Traziam-lhe também as crianças, para que as tocasse; e os discípulos, vendo, os repreendiam. Jesus, porém, chamando-os para junto de si, ordenou: Deixai vir a mim os pequeninos e não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Lucas 18.15,16). O próprio cronista, no entanto, especifica precisamente a passagem bíblica a que se refere, ao citar o evangelho segundo Marcos na introdução do texto que aborda a dificuldade em escrever sobre assuntos de menor importância extraídos da realidade cotidiana. Dessa forma, o cronista imita Jesus e deixa vir à pena esses pequeninos fatos do dia-a-dia.

Outro pequenino que há de vir a mim, é a exumação do cadáver de uma atriz. Correu que a atriz sucumbira em consequência de pancadas que lhe dera um ator; mas foi há tantos dias, e meteram-se tais sucessos de permeio, que eu pensei ser negócio igualmente morto e enterrado. Geralmente, a justiça, polícia ou como quer que se lhe chame, não teima tanto em perturbar o

sono dos defuntos. Os próprios crimes em que não há defunto, tem-se visto seguirem o destino da Malibrán, que ao cabo de quinze dias de finada já o poeta achava tarde para falar dela. Lendo, porém, a notícia com a atenção que merece, entende-se tudo; o acusado de espancamento não queria ficar com a suspeita em cima de si, e, posto o não conheça, acho que fez bem. A sua petição foi a enxada, o instrumento cirúrgico, o auto do escrivão, o relatório médico-legal. Sem ela, é provável que a morta tivesse esperado a trombeta do juízo final, para dizer ao Senhor que ele não tinha culpa.

(MACHADO DE ASSIS, 30/08/1896)

O relato de um desses pequenos fatos, apresentado nessa mesma crônica, estabelece intertextualidade com um trecho do evangelho segundo Mateus: “E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mateus 24.31). As palavras de Jesus no sermão profético são apresentadas para criticar ironicamente o interesse mórbido e sensacionalista da opinião pública a respeito do assassinato de uma atriz.

6 O homem-parábola

Há, ainda, três outras crônicas essenciais para analisar a intertextualidade entre as crônicas machadianas e as palavras de Jesus nos evangelhos do Novo Testamento, mas cuja abordagem não consta neste artigo, porque são textos que exploram mais detalhadamente um grande número de referências ao texto bíblico. Essa análise, por si só, mereceria até um novo texto de estudos e acrescentá-la, no presente trabalho, estenderia demasiadamente esse já extenso artigo.

A crônica de 21/05/1888, publicada originalmente na série *Bons Dias!*, na *Gazeta de Notícias*, foi analisada por John Gledson (2006), que observou a “óbvia paródia da abertura do Evangelho de São João” (p.163), através da qual “Machado examina a Abolição como um processo político: mas o estilo bíblico, usado com maestria e humor ímpares” (p.162), confirma a questão formal de sua preferência pela paródia no estabelecimento da intertextualidade com a tradição cultural e religiosa ligada à Bíblia.

A crônica de 04/09/1892, publicada originalmente na série *A Semana*, na *Gazeta de Notícias*, estabelece intertextualidade com os capítulos 5, 6 e 7 do evangelho segundo Mateus. As palavras de Jesus são transformadas, na crônica, em um “evangelho do Diabo”. Através desse texto, Machado demonstra a hipocrisia de uma sociedade que se diz alimentada pelos ideais cristãos, mas vive de acordo com a doutrina desse evangelho demoníaco.

E finalmente, a crônica *A Paixão de Jesus*, de 01/04/1904, publicada originalmente no *Jornal do Comércio*, pertence à produção do escritor no apogeu da maturidade. Nessa sua antepenúltima crônica, Machado de Assis retoma todo o drama evangélico da vida de Cristo, num texto sério, comovente e que enaltece a obra e a vida de Jesus. Esse texto põe em dúvida

a caracterização de Machado de Assis como ateu e mostra que, a ideia de que não há espaço para Deus no pensamento e na obra de Machado, pode revelar desconhecimento do texto bíblico e da própria obra do autor. Tal questão fica em suspenso, pois Machado foi uma espécie de homem-parábola, ou seja, caracterizou-se não só pela proposição de princípios éticos e morais, mas também pela proposição de enigmas.

A maioria dos críticos considera a crítica à hipocrisia religiosa como crítica à filosofia e à teologia cristãs. Alguns até afirmam que autores que tecem críticas a essas instituições religiosas são ateus. Essa posição pode revelar falta de conhecimento e um preconceito raso que associa fé à ignorância e falta de fé à inteligência. Em todos os exemplos apresentados no presente estudo, Machado parodia ironicamente o texto bíblico para desmascarar a hipocrisia de uma sociedade injusta e alicerçada nesse sistema religioso, não como forma de menosprezo ao texto bíblico. Bem pelo contrário, pode-se considerar que sua atitude e seu conhecimento bíblico revelam apreço pelas Escrituras e constituem uma forma de denúncia à deturpação dos textos bíblicos realizada, ao longo dos séculos, por essas instituições que se denominam representantes do cristianismo.

7 Conclusão

Machado de Assis estabelece relações da tradição com o cotidiano brasileiro quase sempre com ironia. Na denominada segunda fase de sua produção literária, exerceu livremente a apropriação dessa tradição, através da paródia, da citação e da tradução, recursos que elevaram sua prosa e concretizaram suas propostas de diálogo e de inserção na tradição cultural e de desvendamento da natureza e da sabedoria humanas.

O gênero crônica apresenta um vínculo necessário com o cotidiano que envolve, positivamente, aspectos de re-humanização. A crônica, gênero literário e, portanto, artístico, parte da fonte do cotidiano imediato, particular e individual para propor a elevação ao plano artístico, genérico e humano.

Machado de Assis une pensamentos e pensadores antagônicos, como a mítica cristã e a filosofia e a literatura que renegam a tradição cristã. Essa junção entre pensamentos antagônicos é uma marca sedimentada e relevante da sua prosa narrativa e revela também uma característica do grande intelectual que foi: erudição e abertura para o dialogismo entre as diferentes correntes de pensamento.

Machado fez a junção contrastiva entre o erudito e o popular. Estabeleceu relações e percebeu a incongruência entre ambos, mas se propôs a estabelecer movimentos e

suplementações entre essas diferenças. Nas suas crônicas, também construiu uma amálgama de atualismo e futilidade (SCHWARZ, 2000, p.232), de ironia e erudição.

Dessa forma, promoveu a elevação da literatura brasileira, da vida cotidiana e do próprio homem. Em suas crônicas, a matéria cotidiana ultrapassa seus aspectos triviais através de um processo de elevação estética. Machado de Assis foi mestre em produzir nisso. Em sua prosa cronística, contudo, essa elevação do cotidiano não atinge a revelação do sublime. Machado é muito agudo, irônico e cético para chegar a tal ponto. Predomina a indiferença essencial e entediada do narrador machadiano e do próprio autor a respeito de um mundo que não se transforma.

A exceção a essa regra revela-se em mais uma crônica da extraordinária série *A semana*, na qual o ceticismo e o desencanto do narrador machadiano que reinterpreta o Eclesiastes na realidade moderna rendem-se à esperança da bem-aventurança para a humanidade, apresentada nas palavras de Jesus Cristo.

E Jesus apareceu-me antes de morto e ressuscitado, como nos dias em que rodeava a Galiléia, e, abrindo os lábios, disse-me que a sua palavra dá solução a tudo.

— Senhor, disse eu então, a vida é aflitiva, e aí está o Eclesiastes que diz ter visto as lágrimas dos inocentes, e que ninguém os consolava.

— Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

— Vede a injustiça do mundo. “Nem sempre o prêmio é dos que melhor correm, diz ainda o Eclesiastes, e tudo se faz por encontro e casualidade.”

— Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.

— Mas é ainda o Eclesiastes que proclama haver justos, aos quais provêm males...

— Bem-aventurados os que são perseguidos por amor da justiça, porque deles é o reino do Céu.

E assim por diante. A cada palavra de lástima respondia Jesus com uma palavra de esperança. Mas já então não era ele que me aparecia, era eu que estava na própria Galiléia, diante da montanha, ouvindo com o povo. E o sermão continuava. Bem-aventurados pobres de espírito. Bem-aventurados os pacíficos. Bem-aventurados os mansos...

(MACHADO DE ASSIS, 25/03/1894)

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética em Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

BÍBLIA sagrada: edição revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB, 1993.

BOSI, Alfredo (Org.) et al. *Machado de Assis: antologia & estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

BRAYNER, Sonia. Metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional. In: BOSI, Alfredo (Org.) et al. *Machado de Assis: antologia & estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

FRYE, Northrop. *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- GRANJA, Lucia & CANO, Jefferson. *Introdução*. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Comentários da semana*. Campinas: Unicamp, 2008.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho & Leandro Konder. São Paulo: Paz e terra, 1970.
- LUKACS, Georg. *A teoria do romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades / Editora 34, 2000.
- _____. *Estética*. Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona / Cidade do México: Ediciones Grijalbo, 1966.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Comentários da semana*. Campinas: Unicamp, 2008.
- _____. *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Machado de Assis: obra completa*. Disponível em:
< <http://portal.mec.gov.br/machado> >. Acesso em agosto, 2009.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas cidades / Editora 34, 2000.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Gráficos Reunidos, 2001.